

Formação do leitor: a família em questão

Letícia Alves Vieira

Graduanda do curso de Biblioteconomia da UFMG

leticialves@ufmg.br

O presente trabalho mostra uma reflexão acerca da formação do leitor no âmbito familiar. Discute a contribuição da família no processo de constituição do leitor. Enfoca os fatores que contribuem na determinação do gosto pela leitura. Conclui que o papel da família na transmissão do valor social da leitura é imprescindível, apesar da existência de poucos trabalhos sobre o tema.

Introdução

“A leitura é uma amizade”, Marcel Proust (1871-1922), para que ela se concretize como frase verdadeira em nosso país há ainda uma seara a ser trabalhada nesse campo.

Esse trabalho nasceu das inquietações sobre o gosto pela leitura e como ele se processa no ambiente familiar. Sabemos que a leitura ainda não é vista em nosso país como uma prática social importante. Vários fatores interferem negativamente nesse processo, desde o pouco ou nenhum contato com a leitura, a saber, nesse contexto a leitura do impresso. Porque a leitura pode e deve se manifestar de vários modos desde desenhos, músicas ou mesmo pelas imagens visuais hoje veiculadas no cinema, vídeo e tv. A leitura é importante em todos os contextos sociais e em todas as formas. Os níveis de leitura: sensorial, racional e emocional ao ocorrerem simultaneamente colaboram para a riqueza no momento da leitura. O gosto pela leitura se processa em longo prazo e aqui daremos enfoque na contribuição familiar na transmissão do valor da leitura enquanto prática social além do modo como as famílias tratam a questão da leitura em seu cotidiano.

O que é leitura?

O conceito de leitura se apresenta como sendo algo amplo, sem ser apenas uma decifração dos signos do alfabeto. A amplitude do conceito está ligada não somente à

decifração dos signos impressos da qual a pedagogia se ocupa de estudar, mas também da leitura que produz sentido, ou seja, aquela que advém da vivência pessoal de cada indivíduo, e é posta em prática no entendimento sobre o mundo no qual ele está inserido. A aprendizagem da leitura está intimamente relacionada ao processo de formação geral de um indivíduo e à sua capacitação para as práticas sociais, tais como: a atuação política, econômica e cultural, além do convívio em sociedade, seja na família, nas relações de trabalho dentre outros espaços ligados à vida do cidadão.

Para os gregos o conceito de leitura restringia-se ao fato de ler e escrever e, portanto estava implícito que o cidadão teria bases para uma educação adequada para a vida. Esse conceito simplista nos remete à idéia de que a simples decifração dos símbolos lingüísticos é o bastante para modificar a estrutura da sociedade, o que não corresponde à realidade. O indivíduo modifica sua visão de mundo através do acesso à leitura e não a estrutura na qual ele se encontra.

Além dessa concepção instituída pelos gregos há duas práticas da leitura que se encontram vigentes: leitura como sendo apenas uma decodificação mecânica de signos lingüísticos e também como um processo de compreensão que abrange os componentes cognitivos-sociológicos.

A abordagem pedagógica nos traz a primeira prática que está ligada ao modo formal de leitura como atividade a ser cumprida, nesse caso o ambiente designado é a escola; na segunda prática temos a presença da sociologia, que se ocupa em estudar os aspectos sociais da vida humana. Neste caso o aspecto que estamos trabalhando é a questão da transmissão do gosto pela leitura no ambiente familiar.

Níveis da leitura

A leitura é única, porém segundo Martins (1982) temos três níveis de leitura que não acontecem separadamente e dentro de uma hierarquia, mas simultaneamente e, portanto inter-relacionados.

São eles: leitura sensorial, emocional e racional; a sensorial está diretamente relacionada aos sentidos, a emocional lida com todas as emoções e a racional concentra-se na parte intelectual, reflexiva, dinâmica e questionadora, que fazem com que compreendamos o texto como ele se apresenta.

Os níveis de leitura se inter-relacionam e ao acontecerem de modo simultâneo trazem riqueza ao ato de ler.

No contexto familiar esses níveis estão presentes, pois qual é a criança que ao ser presenteadada ou ao conhecer o livro pela primeira vez, não lê com as mãos (leitura sensorial), apalpando o livro, conhecendo-o fisicamente antes de mesmo iniciar a leitura propriamente dita (leitura racional). A leitura nos envolve em todos esses níveis e a família pode utilizar o nível sensorial para incentivar a criança no gosto pela leitura, visto que sempre utilizamos a leitura em diversas situações e com finalidades as mais diversas em nossas vidas.

O nível sensorial é muito rico para ser explorado no contexto familiar, desde a gestação do bebê, a mãe ao embalar a criança com canções de ninar já estimula o gosto pela leitura. Por que a leitura não é somente o impresso, mas a música, os desenhos todos são modos de leituras que podem ser trabalhadas em família no aconchego do lar.

Esses níveis de leitura exemplificados são muito importantes no contexto familiar, pois ao trabalhar o nível sensorial estaremos simultaneamente auxiliando no desenvolvimento do nível emocional a partir das leituras propostas em família preparando assim o caminho para o letramento.

Formação do leitor : a leitura em questão

A figura do leitor como conhecemos hoje, o leitor do texto impresso, é recente e surge na Europa, aproximadamente, no século XVIII, quando a impressão dos livros passa do modo artesanal para o empresarial, possibilitando assim um maior acesso e um número de livros um pouco maior do que no período anterior.

A expansão da leitura tanto na Europa quanto no Brasil encontrará lugar devido a um fato: a transformação em prática social e a conseqüente valorização da família.

A família enquanto instituição era imprescindível ao novo modelo de Estado vigente: o Estado burguês. Enquanto unidade e fragmento, unidade porque denota laços sólidos de convivência e fragmento, resultado da desagregação de grupos integrados outrora por interesses apenas comerciais e não por afinidades, a família inicia a construção de valores necessários à sua manutenção, desde religiosos, éticos morais até os de conduta.

Sendo, portanto uma miniatura da sociedade, a família se fortalece e como espaço privado de vivência, e é nesse interior do novo modelo familiar que o gosto pela leitura se intensifica. O gosto pela leitura se constitui em atividade adequada a esse contexto de privacidade doméstica.

A privacidade doméstica traz além do conforto, sentimento de proteção, ligação afetiva e traços comuns além do parentesco sanguíneo. A leitura ganha *status* como ritual que reúne a família ao redor da mesa para leitura do texto religioso¹, nesse momento o gosto pela leitura começa a ser transmitido na esfera familiar.

A leitura anterior ao século XII era feita em voz alta e em público, diante dessa nova postura, grupos religiosos interessados no conhecimento e difusão da Bíblia, passam a considerar a leitura como habilidade necessária à formação moral das pessoas. Nesse momento a família incorpora esse novo valor e inicia assim um processo de formação de leitores no âmbito doméstico.

O leitor no âmbito familiar

Utilizamos a leitura em vários locais e com diversas finalidades em nossas vidas: no trabalho, na escola, no lazer ou em casa. A leitura em casa está ligada ao lazer enquanto em outros ambientes formais e estruturalmente rígidos, ela é utilizada como meio de acesso à informação e formação de uma nova visão de mundo.

A formação do leitor inicia-se no âmbito familiar e se processa em longo prazo, tendo mediadores como: bibliotecários, professores, e no caso específico retratado: a família, pois é através da leitura que encontramos a possibilidade de nos instruir, educar e também divertir. Esse leitor deve ser compreendido como sendo aquele que estabelece uma relação aprofundada com a linguagem e as significações. Pois os leitores, aqueles que se relacionam de modo mecânico com o texto, não se constituirão leitores sem um trabalho efetivo.

Paulo Freire nos mostra que há diferença entre *hábitos de leitura* e *ato de ler*. O hábito concentra-se apenas na repetição mecânica, e nesse caso a repetição dos sinais sem nenhum tipo de interpretação. O ato de ler está ancorado no exercício, articulação do pensar, agir e do modo de escolha.

¹ nas famílias protestantes que se alfabetizaram nesse texto para ler o que estava nas Sagradas Escrituras, antes somente disponível em latim e não na língua nacional.

Portanto, a família como espaço de orientação, construção da identidade de um indivíduo deve promover o ato de ler para que, ao ser incorporado nas mediações domésticas, construa o gosto pela leitura.

A promoção do ato de ler pode ser transmitida no âmbito do letramento familiar, pois essa responsabilidade não pode ser delegada somente à escola, deve ser uma parceria entre biblioteca escolar/escola e família.

O letramento familiar pode ser entendido como o contato dos signos através dos pais, seja pela estória contada na hora de dormir ou canções ensinadas às crianças, esses são modos de letramento que auxiliam no fomento a leitura.

A sociedade construiu valores ao longo de sua formação, valores morais, sociais, éticos, dentre outros sendo a família em seu espaço de atuação uma reprodução em nível menor da sociedade, a mesma também transmite valores.

Um dos valores que pode ser instituído no espaço familiar é a leitura como valor social importante na construção sócio-educacional das crianças e adolescentes.

Nesse momento há a criação de um vínculo mais forte entre pais e filhos. Seja no incentivo da figura materna ao criar oportunidades de contato com os signos, inicialmente com as ilustrações dos livros, a cantiga de roda e a contação de estórias ou na figura paterna que auxilia no exercício da alfabetização, do contato com a escrita, são pequenas ações cotidianas que podem conduzir o fomento à leitura. Os pais podem iniciar contando histórias para os filhos dormirem, presentear as crianças com livros, incentivar os filhos a contarem histórias em casa, assim haverá sempre uma troca de conhecimentos e cria-se um estímulo para que as crianças, adolescentes e jovens tenham realmente prazer pela leitura, pois não adianta crianças crescerem ao redor de livros e odiarem a leitura. A explicação não é tão complexa, pois segundo reportagem veiculada na REVISTA VEJA (jul.2002), “(...) o problema tanto pode ser de dose quanto de personalidade”. De personalidade, insere-se no meio de contestação do modelo vigente, se os pais lêem, eu não vou ler, pois não concordo com eles, de dose, pelo fato de pensarmos que um adolescente lerá com prazer clássicos da literatura como Machado de Assis, o que não é verdade, porque o ideal é que se inicie com leituras adequadas a cada faixa etária, desde histórias em quadrinhos, policiais, romances, ficção e também os clássicos. Negociando dessa forma, os pais terão grandes chances de formar leitores que não tenham “traumas” de suas leituras iniciais. Temos, portanto evidências que a

influência da família na mediação e formação dos leitores é algo imprescindível e inquestionável.

Se as crianças são educadas em um ambiente onde a leitura é privilegiada pelos pais, possivelmente teremos mais adiante um leitor que continuará a ter gosto pela leitura. Porém, se deparamos com pais e familiares que não apreciam a leitura, é necessário encontrar outras alternativas para desenvolver o gosto pela leitura nas crianças.

O leitor formado na família tem um perfil um pouco diferenciado daquele outro que teve o contato com a leitura apenas ao chegar a escola. O leitor que se inicia no âmbito familiar demonstra mais facilidade em lidar com os signos, compreende melhor o mundo no qual está inserido, além de desenvolver um senso crítico mais cedo, o que é realmente importa na sociedade.

Família: uma comunidade de leitores

O leitor formado no âmbito familiar como verificamos anteriormente se mostra diferente em termos de perfil daquele que tem contato com a leitura apenas na escola. Pela facilidade e familiaridade com os signos, com o alfabeto, com a escrita e com a própria leitura torna-se mais fácil e recorrente termos novos leitores que se estenderão por toda a caminhada literária. A facilidade e a familiaridade com os signos advêm das relações estabelecidas nessa pretensa *comunidade de leitores*, a família.

O termo *comunidades de leitores*, cunhado por Chartier (1994) exemplifica várias dessas comunidades, dentre elas: espirituais, intelectuais, profissionais, etc. podemos nesse campo incluir a família como sendo uma dessas comunidades.

A família se difere dessas outras comunidades citadas pela própria formação e pelos laços que a unem, não são laços apenas sanguíneos, mas afetivos e como espaço para a livre troca de experiências e aprendizagem. Dentre elas, destaca-se nesse contexto trabalhado, a leitura.

Cada comunidade legitima e privilegia um texto ou vários textos (leitura intensiva e leitura extensiva) de acordo com o objetivo a ela atribuído. A leitura intensiva é caracterizada pela leitura de um só texto que é memorizado, estudada, aprofundada em seu conteúdo e de certa maneira respeitosa, no caso do texto religioso

como a Bíblia que é lida em família como verdadeiro ritual nas comunidades leitoras protestantes.

A leitura extensiva, ou seja, a que privilegia vários textos que passam de um texto religioso para outros considerados “profanos” demonstra os avanços na história da leitura.

Como sabemos que uma comunidade gira em torno de práticas comuns, por que não tornar comum o gosto pela leitura?

Teremos a família centrada no estímulo à prática da leitura como ponto comum de suas relações.

Os trabalhos relatados a seguir retratam como algumas famílias lidam com a leitura.

Evangelista (1993) e Araújo (1999) ao tratarem da leitura, especificam em seus textos o papel da família e como a leitura é vista e utilizada dentro dessa instituição.

A família é base para o trabalho educacional e conseqüentemente da leitura, pois no ambiente familiar à leitura é vista e apresentada de diversos modos.

Em determinados casos a família percebe que a “leitura” é importante para os filhos, pois trará melhores condições de vida, ou seja, com “estudo” a situação socioeconômica de seus filhos será melhor que a deles. (EVANGELISTA, 1993).

Nesse relato, exposto pelo trabalho de Evangelista (1993), percebemos que nas famílias das camadas populares no Brasil, leitura é sinônimo de “estudo”, instrução, nível de aprendizado, e, portanto quanto mais leitura a pessoa tiver, melhor será sua condição social. Não é esse contexto que necessitamos do exercício da leitura, mas através dessa habilidade é possível ascender socialmente, entendendo-se por ascensão social através da leitura, a capacidade de entendimento do mundo em que se vive e de se fazer entender, seja no trabalho, escola, na vizinhança dentre outros espaços de convívio social.

Araújo (1999) relata em seu trabalho, como a família se relaciona com as diversas leituras, desde o tipo de material encontrado nessas residências até o uso social estabelecido por eles.

Nas famílias pesquisadas a autora encontrou os seguintes materiais: jornais, revistas, livros e revistas em quadrinhos. Nesse contexto foi verificado que algumas funções sociais da leitura se apresentaram no ambiente das relações sociais, são elas: a

escrita de cartas para a família e conseqüentemente a leitura, cartas para sorteio, agendas de telefone, caderno de receitas, boletins da Igreja e a leitura da Bíblia.

Constatou-se que as famílias se utilizam a leitura com as mais diversas finalidades e em vários momentos do convívio doméstico.

Nessas famílias também foi observadas a freqüência da leitura desses materiais e quais as pessoas que os utilizavam. A pesquisa concluiu que na maioria das vezes o jornal foi citado como sendo um dos suportes mais utilizados e com maior freqüência.

As crianças utilizam os livros didáticos e as revistas em quadrinhos, além de revistas emprestadas por vizinhos. Percebemos que não é o ambiente socioeconômico que determina o gosto pela leitura, mas a convivência com esses materiais e o estímulo dos pais, seja através do jornal que lê para encontrar emprego ou no caderno de receitas da mãe. Todos os incentivos são válidos para a construção do gosto pela leitura.

A leitura na família pode ser exercitada desde o momento em que a criança ainda é pequena no contato com livros de borracha ou através da história contada pelos pais na hora de dormir, mas esses são apenas um dos aspectos que podem ser explorados no incentivo à leitura. Nesse contexto seria ideal explorar os níveis de leitura descritos por Martins (1982) em que o nível sensorial ao ser bem trabalhado nas famílias traria benefícios na formação de leitores, quanto mais cedo o contato da criança com a leitura, teremos mais leitores no futuro.

É importante que haja essa condução no contato com a leitura, pois ela é uma prática recheada de gestos, espaços e hábitos que são necessários no desenvolvimento desses leitores. O texto muda de acordo com o seu leitor, e é por isso que as famílias devem adequar os textos frente à sua realidade, pois não é o meio social que determina o gosto ou não pela leitura, mas a criação de oportunidades e estímulos.

Ao criar oportunidades de interação entre o texto e o leitor a ser formado, nesse momento concebe-se a leitura como um valor social já mencionado anteriormente, que determinará a caminhada literária desse leitor.

Valores aceitos perduram por toda a vida, sejam éticos, morais e religiosos, e a leitura é um deles.

É preciso que a cada dia as famílias estimulem seus filhos para a leitura, pois é através dela que pode-se conhecer o mundo, um mundo de imaginação, mas também um mundo de inclusão social.

Considerações finais

A família, suas leituras e seu cotidiano nos revelam um pouco dessa *comunidade de leitores*. Comunidade essa que em torno de um valor social, a leitura, transmitido no âmbito da família estimula a formação de novos leitores.

Percebemos que o gosto pela leitura, o ato de ler se processa em longo prazo, portanto a família contribui de forma efetiva nessa formação, visto que no interior dessa comunidade há um espaço que se isento de cobranças formais como a da escola pode facilitar o acesso à leitura. Seja através dos níveis de leitura trabalhados por Martins (1982) ou ainda como pontua Chartier (1994) em seu termo *comunidade de leitores*, são passos importantes no fomento da leitura.

Trabalhando essencialmente com famílias da classe média concluímos que não é somente os fatores socioeconômicos que determinam essa prática, pois em camadas populares descritas nos trabalhos de Evangelista (1993) e Araújo (1999), encontramos o estímulo à leitura ocorrendo de acordo com a disponibilidade de acesso à leitura.

Durante a revisão de literatura sobre o tema, encontramos um número reduzido de autores que trabalham essa temática, porém, citamos alguns que se aproximam bastante dessa temática: no Brasil, Araújo (1999), Evangelista (1993), Lajolo; Zilberman (1994) e Martins (1982); e na França, Chartier (1994). Encontramos algumas respostas na pedagogia e na sociologia, apesar de ser um tema importante, é ainda pouco aprofundado em pesquisas.

Mesmo assim dando ao artigo *Ler é chato, será?*, Pinsk (2002), dizemos que ler não é chato, basta que tenhamos estímulos ao gosto pela leitura desde cedo em nosso âmbito familiar e eles se propagarão por toda a caminhada literária.

Referências

ANDRADE, C. O caminho para gostar de ler. *Veja*, São Paulo, ano 35, n.29, p.102-103, jul.2002.

ARAÚJO, M.J.G.M. de. *Práticas de leitura na escola e nas famílias em meios populares*. 1999. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BARBOSA, J.J. *Alfabetização e leitura*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério, v.16. 2º Grau. Série Formação do professor, v.16).

BARREIRA, S. *Quando a família vira apêndice*. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/novaescola/>>. Acesso em: 08 out.2002.

CARVALHO, M.C. Escola, biblioteca e leitura. In: *A Biblioteca Escolar: temas para uma prática pedagógica/Grupo de estudos em biblioteca escolar [da] Escola de Ciência da Informação da UFMG*, Belo Horizonte, 2001, p.16-19.

CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. 111p. (Tradução de Mary del Priore).

CHARTIER, R. (Org.) et al. *Práticas de leitura*. 2.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. (Tradução de Cristiane Nascimento).

EVANGELISTA, A. A. M. *Condições de construção de leitores alfabetizando: um estudo na escola e na família em meios populares*. 1993. 246 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FERRAZ, R.T. *Você presenteia seu filho com livros?* Disponível em: <<http://especial.bol.com.br/2002/criancas/ler.jhtm>>. Acesso em: 23 out.2002.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1999. (Série Temas, v.58).

MAGALHÃES, A. M.; ALÇADA, I. *Ler ou não ler: eis a questão*. Porto Alegre: Karup, 1990. p.15-20. (Série Educação; 3).

MARTINS, M.H. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1982. 93 p.

PERROTTI, E. Leitores, ledores e outros afins (apontamentos sobre a formação do leitor). In: PRADO, J; CONDINI, P.(Org.). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p.31-40.

PINSK, J. *Ler é chato, será?* Disponível em: <<http://www.leitoreselivros.com.br>> Acesso em: 24 set.2002.

SILVA, E.T. da. Leitura e realidade brasileira. Escola e Família – Elementos fundamentais para o processo de formação do leitor. In: SEMINÁRIO REGIONAL DE LITERATURA UNESP, 3., 1982, São José do Rio Preto.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 125 p.